



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  

---

PRESIDÊNCIA  

---

DA REPÚBLICA

RIO DE JANEIRO, 5 DE SETEMBRO DE 1958.

NO BANQUETE OFERECIDO NO PALÁCIO  
ITAMARATI AO SENHOR GIOVANNI GRONCHI,  
PRESIDENTE DA REPÚBLICA ITALIANA.

Senhor Presidente:

Que esta primeira oportunidade que se me oferece de saudá-lo, em nome do Brasil e no meu próprio, eu não a perca com simples palavras formais, com os cumprimentos do estilo. Há muito se vinha tornando necessário um novo e mais íntimo diálogo entre os nossos países. Tínhamos muito a conversar, muito a conferir, muitas impressões a trocar diretamente e a hora longamente esperada chegou enfim. Dai resulta que êste discurso não poderá ser apenas um brinde cortês, ou o panegírico do hóspede ilustre, elogio fácil de fazer, tão merecedor de encômios pela sua vida exemplar de homem de Estado e de pensamento é Vossa Excelência. Seria — poder-se-á objetar — mais compreensível escolher-se outra atmosfera para a espécie de oração que me toca pronunciar aqui. Mas, na verdade, é sempre em tórno de uma mesa que, desde a antiguidade mais remota, se dizem coisas que são, ou pretendemos que sejam, importantes. A justificação do cabimento de um discurso como êste seria excessivamente rica de exemplos para que a estendêssemos aqui.

Senhor Presidente Gronchi, nesta hora em que Vossa Excelência é acolhido nesta casa do Itamarati, uma das mais ilustres do Brasil, torna-se necessário que

nos identifiquemos nós dois, da maneira mais profunda e diante de todos. Cumpre dizer quem somos nós, homens designados pela Providência para este encontro. Afirmou Vossa Excelência, ao atingir o supremo grau na hierarquia da República Italiana: "Nunca a Presidência esteve tão perto do povo". O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil tem o mesmo privilégio e a mesma responsabilidade de Vossa Excelência, pois está em condições de afirmar que é, e se orgulha de ser, um homem do povo. Aqui neste Palácio, nesta noite gloriosa para as relações entre os nossos países, nesta festa em que lhe oferecemos algo do melhor que possuímos, no meio deste aparato impôsto pela nossa posição e pela dignidade dos cargos que exercemos, apesar de tudo isso, Vossa Excelência e eu, Senhor Presidente, nos reconhecemos e contemplamos, tais quais somos ambos realmente — homens do povo, homens que não nasceram em palácios, nem encontraram, ao chegar a este mundo, estradas suaves a percorrer. Somos homens de origem modesta, filhos de casais que não conheceram muitas facilidades e cuja glória maior foi a de terem enfrentado, com resignação e ânimo forte, as asperezas da vida. Pertencemos ambos a essa nobreza de que nos orgulhamos e que jamais abdicamos, em quaisquer circunstâncias, aqui neste salão e em todos os lugares a que somos chamados a comparecer: a nobreza de sermos filhos do povo, gente do povo, do povo honesto e cristão da Itália e do Brasil. Se há uma graça que ambos recebemos, incomparavelmente maior que a das nossas carreiras políticas — se há uma graça que nos vem do Céu — é a de termos permanecido fiéis aos sentimentos, às idéias, aos princípios hauridos em nosso ambiente familiar; se há uma grande vitória em nossas vidas, Senhor Presidente, é a de nos termos conservado solidários com

as aspirações e as queixas do povo, com as suas razões e sofrimentos, com as suas esperanças.

Posso dizer-lhe neste momento, Senhor Presidente, 848  
que é em nome do povo brasileiro e como um dos seus componentes que venho prestar tributo a um homem do povo italiano, a quem as alturas não perturbaram na sua visão da realidade, nem apagaram a lembrança do comêço de vida. Devemos ao amor pelo trabalho o que somos — e é com um sentimento fraterno que recorro aqui a semelhança de nossas vidas nas suas horas inaugurais, quando tínhamos ambos de trabalhar para podermos estudar, Vossa Excelência como revisor e eu como telegrafista. Sabemos o que isto vale, Senhor Presidente, e sabemos que a nossa obrigação está em não nos esquecermos, em momento algum, de que nos devemos à tarefa de sermos intérpretes autênticos das aspirações populares, das aspirações justas, certas, humanas dêsse povo de que somos oriundos.

Chega Vossa Excelência a êste país numa hora 849  
de afirmação, numa hora em que iniciamos uma caminhada internacional. As nações da América Latina se põem em marcha para um melhor entendimento, que lhes permita maior unidade de ação, harmonia mais perfeita, maior fortalecimento a uma integração mais efetiva na causa do Ocidente, que é a causa de todos nós.

Em documento público, tive ocasião de afirmar 850  
não há muito, em consonância com todo o Continente, que não desejamos nós, povos latinos dêste Mundo Novo, deixar de marcar, de forma cada vez mais viva, o nosso pensamento, a nossa intuição, a nossa maneira de sentir os problemas que decidirão do nosso destino.

Somos parte integrante da Causa Ocidental, com ela identificados e não apenas ligados por interesses materiais, ou considerações estratégicas, mas pela conformação espiritual, pela latinidade que herdamos e incorporamos, que recebemos das raças antigas e veneráveis que nos criaram. A tal respeito, não é possível omitirmos uma referência direta à terra *mater* de Portugal, que nos legou a língua vernácula, o sentimento familiar, uma tradição multissecular e a fé em Cristo Nosso Senhor; nem à indomável Espanha, que representou o mesmo papel formador em relação às demais nações latino-americanas; nem a países insígnies como Itália e França, que tanto influíram em nossa cultura e a que nos unem afinidades incontáveis. Somos um povo americano enraizado nesta terra, que estava ainda para revelar-se ao mundo quando a Europa já frutificara em obras admiráveis. Somos um povo do Mundo Novo, mas somos filhos do Ocidente e temos consciência dessa filiação, temos essa dupla nacionalidade interior que nos prende à terra carnal, jovem ainda, e à terra tradicional que existe em nós, pelos efeitos da cultura e das tradições herdadas, que nos acompanham invariavelmente. Por isto é que constitui mais do que um qualificativo, do que uma afirmação convencional, o nos considerarmos integrantes da causa do Ocidente. Transplantaram-se os nossos maiores para esta pátria, tão poderosamente atrativa e irresistível nas suas artes de prender e seduzir, que o brasileiro de uma primeira geração ninguém o distingue, no que toca ao patriotismo, às vészes mesmo exacerbado, daqueles cuja ascendência vem da alba da nacionalidade. Mas mesmo assim, fixados como estamos nesta parte do mundo, não deixamos de conservar no espírito, refletindo em nossa índole e em nossas ações, o que há de mais característico nesse Ocidente, que há dois mil anos ilumina e plasma o mundo com os seus conhecimentos,

o seu poder criador, a sua sensibilidade, o seu gênio inventivo e a sua força espiritual, prodigiosamente ativa. Somos ocidentais pelo amor à liberdade, que aprendemos ouvindo soarem no tempo histórico os passos dos heróis da Redenção do homem. Somos integrantes da causa ocidental porque temos a entranhada convicção de que o homem é o centro do mundo e que devemos servi-lo e protegê-lo contra a tirania dos seus semelhantes, fascinados pelas paixões funestas. Somos integrantes da causa ocidental, principalmente, porque consideramos que uma das qualidades mais eminentes dessa cultura reside na capacidade de compreender os povos, daí decorrendo a possibilidade de lançar uma ponte sôbre as diferenças que separam as famílias humanas. A honra da cultura ocidental está no apêlo à unidade fundamental da natureza humana, que se esconde sob o mosaico de raças, línguas e costumes. A cultura ocidental recebeu a graça de sair de si mesma, de ouvir as vozes do outro lado. E isto deve ser conservado, vivificado e mantido até ao ponto extremo, que é o da defesa dos nossos princípios básicos de liberdade, do direito a têrmos o estilo de vida que nos parecer melhor e mais adequado à nossa personalidade, que nos cabe manter nítida e forte.

Ao afirmar que somos integrantes da causa ocidental, Senhor Presidente Gronchi, e dispostos em consequência aos riscos dessa posição, que são muitos na hora que corre, temos, não só o direito, mas o estrito dever de saber como está sendo conduzida essa causa e que direção está tomando, para onde vamos e se vamos bem. Em primeiro lugar, é um direito que nos assiste — e que ninguém nos pode recusar, o de podermos contribuir com o que julgamos mais útil para a causa a que pertencemos. Somos um país que principia a desenvolver-se e cujas dimensões geográficas e riquezas naturais terão como consequência um

852

destino correspondente. Temos uma juventude, uma possibilidade de grandeza, uma vida já rica de realizações e isso nos obriga, uma vez que soou a hora da consciência plena de nossa presença na terra, a indagar e saber se caminhamos com segurança, se a nossa causa está perdendo ou ganhando terreno. Cumprenos — e seria mal se o não fizéssemos — renovar a pergunta sempre oportuna, que é a de saber o que queremos, o fim que colimamos e o que pretendemos. Na verdade, Deus nos preservou, a nós, povos americanos, de sofrimentos atrozes, por que passaram, com as gerações, os nobres e antigos povos do Ocidente. Creio, porém, que o desejo comum é um só, o de encontrar o caminho da Paz. Queremos ser fortes, nós, latino-americanos, para servirmos à Paz, para trabalharmos pela Paz. Queremos constituir, nesta considerável região do Mundo Novo, com os nossos quase duzentos milhões de habitantes, um centro de resistência, um centro ativo em favor da causa ocidental. Esta é, mais do que a ambição, a vontade decidida da América Latina. Não é uma idéia do Brasil, não é a idéia ou a iniciativa de nenhum país em particular, mas a aspiração e, mesmo, o estado de espírito de toda a família continental ibero-americana. Estamos todos ligados por um mesmo sentimento, por uma mesma noção de que a hora chegou de nos unirmos com a nossa grande República irmã, os Estados Unidos, com todos os países da Europa Ocidental, para procurarmos juntos um entendimento que preserve e melhore a condição do homem e harmonize os que talvez sejam mais dissemelhantes, do que contrários.

853

Necessitamos, para que a nossa causa não constitua apenas uma doutrina e um pensamento puro, mas que tenha uma aplicação pragmática, de nos dedicar à cura de um mal que está na raiz de todos os

outros, o mal do subdesenvolvimento. Sabemos que estabelecer um regime de igualdade é qualquer coisa de sôbre-humano, mas temos de fixar, como princípio de tôda a luta, que a existência da miséria é um pecado e um estigma, que deve ser apagado da face da terra, na medida do possível.

Agora, estamos no momento histórico em que os muito pobres sabem que o são, em que as populações das zonas subdesenvolvidas refletem sôbre o seu estado e se revoltam ao verificar que a técnica mais rica e mais variada do presente, em lugar de diminuir o desnível entre os povos, ameaça distanciá-los uns dos outros cada vez mais, estabelecendo muros intransponíveis. Não é puro idealismo vago, mas uma imposição da hora, valorizar as áreas insuficientemente aproveitadas e elevar o padrão de existência dos núcleos humanos privados de qualquer confôrto.

854

Esta é a tarefa do Ocidente, esta é a doutrina, a devoção e a causa de Vossa Excelência, Senhor Presidente Gronchi, esta é a obra admirável do povo italiano, que está vencendo todos os dias a sua luta contra condições adversas.

855

A idéia do milagre que é a pátria de Vossa Excelência nos entusiasma, e alvoroça as nossas esperanças. Sois um dos mais antigos povos e uma das mais antigas terras do mundo. Mas sois a própria juventude sôbre a terra, sois um prodígio de juventude. Sois um povo verde, amais a vida, o próximo, as coisas belas, e considerais o trabalho como uma bênção.

856

Trouxestes para o Brasil e transfundistes em nosso organismo nacional êsse mesmo ardor de vida, êsse entusiasmo pelas grandes obras. Desejo aqui referir-me, apenas de passagem, pois terei outra ocasião de voltar ao assunto, à inestimável contribuição do

857

espírito realizador e do trabalho fecundo dos italianos que encontraram aqui uma segunda Pátria.

858 Sois resistentes às dores e amantes de tudo o que é bom e belo. Tudo canta na Itália, tudo se mobiliza contra a condição fatal do homem, que é a do sofrimento e da morte. Os próprios santos italianos são fontes de amor e de alegria, sobrepondo-se ao sofrimento. Quem não ama a Itália, não ama também o que há de mais exaltadamente afirmativo no ser humano.

859 Na luta pelo desenvolvimento, considerada como exigência da causa do Ocidente, tendes um grande papel a desempenhar, pois sois ao mesmo tempo criadores de beleza e detentores de poder técnico, artistas e sábios, engenhosos e fortes no afrontar os problemas concretos.

860 Vossa Excelência, Senhor Presidente, é um dos homens particularmente talhados para compreender o que queremos neste momento. Como cristão, sabe o que hoje não é possível esquecer, essa verdade proclamada por Bossuet: a Igreja, no seu primeiro plano, foi construída para os pobres, os verdadeiros cidadãos da bem-aventurada cidade, que a Escritura denominou a "Cidade de Deus".

861 Na luta para que, na cidade terrestre, sejam minoradas as desventuras dos humildes e saneados os males da extrema desigualdade, que constitui a parte frágil e a contradição do Ocidente cristão, devemos empregar-nos a fundo.

862 Peço-lhe que me perdoe, Senhor Presidente, a extensão deste discurso. Tinha muito a confiar-lhe, o que explica o excesso com que falei.

863 Que, para terminar, me seja permitido saudar em Vossa Excelência e na ilustre Senhora Gronchi a gente italiana, a admirável gente da Itália, eternamente re-

florindo sôbre a gleba veneranda e para nós a mais grata, fonte da cultura e do espírito ocidental, a que estamos todos ligados pelo gôsto de ordem e pela graça de Deus.